

Uma História Social do Movimento de Resistência à Ditadura Militar de Casa

Amarela - Recife - PE 1964-1985

Profa Dr^a Eliane Oliveira de Lima Freire

Departamento de História/UFS

Núcleo de Pós-Graduação de Estudos do Semi-Árido/UFS

Introdução

Considerando a importância expressiva da resistência empreendida pela população de baixa renda no contexto do regime militar no Brasil (1964-1985), que num período de autoritarismo foi capaz de organiza-se e, através de formas "alternativas" de protestos e reivindicações, lutar por melhores condições de vida; alterando sutilmente as mais duras formas de censura e repressão impostas pelo regime, este trabalho tem como objetivo registrar a memória da história social dessa resistência a partir de um estudo de caso: o movimento de resistência à ditadura militar empreendida pelos movimentos de bairros de Casa Amarela, bairro da periferia da cidade de Recife – PE, localizado na zona norte desta cidade. Nesse sentido, a resistência empreendida pelos habitantes de Casa Amarela ao regime militar é compreendida a partir de um estudo baseado na memória dos pioneiros deste movimento, arquivos de jornais e fotografias. A análise dessa documentação permitiu reconstituir a história social do movimento de resistência. Os resultados são apresentados a seguir.

Definição do Termo

Os movimentos de bairros são identificados na categoria dos "novos" movimentos sociais, que são assim denominados porque apresentam algumas diferenças fundamentais em relação aos movimentos tradicionais ou clássicos e, em especial, em relação ao movimento operário. Os "novos" movimentos surgem na segunda metade do século XX.

No Brasil, diferentemente dos países europeus, onde os novos movimentos sociais se desenvolviam no sentido de preservar as conquistas sociais e assegurar um desenvolvimento que não colocasse em risco o meio ambiente ao mesmo tempo em que buscasse ampliar os direitos de livre participação política; teve este processo interrompido pelo golpe de 1964, que, a pretexto de livrar o país do "perigo comunista" proibiu todas as formas de manifestação popular que viesse atentar contra a "ordem pública" e adotou um modelo de desenvolvimento excludente, que beneficiou apenas as classes empresariais ligadas aos monopólios. Neste contexto, o não atendimento das necessidades sociais elementares da população agravou os problemas sociais. Conseqüentemente, a população afetada, sem a tutela dos partidos e sindicatos, conseguiu se reorganizar, colocando em cena os novos movimentos sociais.

O movimento de bairro aparece neste momento, como uma alternativa viável para as populações de baixa renda, afetadas pela escassez dos serviços urbanos básicos. Estas populações vêem neste movimento uma maneira possível para se organizarem a fim de pressionarem os poderes públicos no sentido de aumentar a parcela dos investimentos e gastos públicos nestes serviços. Segundo Paul Singer (1980)¹, os movimentos de bairro surgem como resultado da aglutinação dos moradores das áreas pobres da cidade para fins de ajuda mútua e passam, em certas circunstâncias, a mobilizar a população para reivindicar maior participação no usufruto do que se denomina de "bens coletivos" da comunidade urbana.

Os movimentos de bairros se organizam por meio de associações de moradores, conselhos de moradores, grupos de jovens, clubes de mães, etc. Com base em seus estatutos, os movimentos são formados por entidades de bairro, sem fins lucrativos, formados pelos moradores do próprio bairro. Estas entidades têm como objetivo geral

¹ SINGER, Paul. Movimentos de bairros. In: SINGER, Paul e CALDEIRA, Vinícius. *São Paulo : O Povo em Movimento*. 3ª ed., Petrópolis, Vozes, São Paulo, p. 85.

reivindicar melhorias para o bairro. As entidades são registradas em cartório e organizadas de maneira hierarquizada, a diretoria é escolhida através de eleições diretas, só votam nestas eleições os moradores que são associados e muitos desses movimentos chegam a ter sede própria. Os poderes públicos são, para estas associações, ao mesmo tempo o principal interlocutor e adversário, pois são eles os responsáveis pelo atendimento de suas reivindicações. Além dos poderes públicos, outros interlocutores são fundamentais na viabilização de suas lutas, a exemplo da Igreja Católica e dos partidos políticos.

Formação e Organização dos Movimentos de bairros em Casa Amarela

O desenvolvimento dos movimentos de bairro em Casa Amarela, na cidade de Recife - PE, está profundamente relacionado com o rápido crescimento deste bairro. Este bairro teve seu espaço ocupado como consequência do processo migratório iniciado por volta de 1940, provindo, na sua maioria, do interior do próprio estado de Pernambuco e demais estados da região Nordeste. Segundo dados do IBGE, em 1960 Casa Amarela já apresentava uma população de 126 234 habitantes.

Sem a implementação de políticas de urbanização para a área, Casa Amarela foi ocupado de maneira desordenada, provocando assim sérios problemas de urbanização e infra-estrutura. Neste contexto, como o Estado não cumpre seu papel social de fornecer as condições básicas de sobrevivência; a população pauperizada vai encontrar nos movimentos de bairro uma forma viável para se organizar e reivindicar melhorias de vida junto aos poderes públicos.

As primeiras manifestações desse movimento em Casa Amarela datam de 1930, quando foi registrado a “Sociedade Beneficente Mista de Casa Amarela”. Esta entidade, segundo seu estatuto, tinha como objetivo "Assistir associados e familiares nos casos de enfermidade e morte”. Depois da criação dessa entidade, muitas outras foram criadas na

cidade de Recife. Mas, somente na segunda metade do século XX, esse número aumentou consideravelmente. Segundo Maria do Céu César (1985)² "*é incontestável que as associações de bairro não surgiram espontaneamente. Está patente a ação de Pelópidas Silveira e da Frente de Recife*³, em especial do PCB". Esta constatação está evidente nos jornais da cidade, da época, tais como: "*Fôlha do Povo*", "*Diário de Pernambuco*" e "*Jornal do Commercio*".

Vigilância e Repressão aos Movimentos de Bairro em Casa Amarela

O cenário político anterior ao golpe militar de 1964 favorecia a proliferação dos movimentos sociais. Entretanto, pesquisas realizadas nos arquivos da Delegacia de Ordem Política e Social - DOPS, nos levam a concluir que, neste período, embora existisse um clima democrático, os movimentos de bairros estavam sob forte esquema de vigilância dos agentes do DOPS (Eliane Freire, 2002)⁴.

Estes agentes fizeram o mapeamento dos movimentos sociais, localizando suas lideranças mais representativas. A partir desse mapeamento, após a efetivação do golpe militar, facilmente, os militares conseguiram desmobilizar estes movimentos: reprimindo as organizações mais combativas e perseguindo suas lideranças. No caso específico das associações de bairro, as mais combativas foram arbitrariamente fechadas, suas sedes foram invadidas e metralhadas, seus arquivos apreendidos para averiguações e muitas de suas lideranças foram presas e interrogadas, com suas atividades sendo consideradas para os militares como subversivas, como podemos constatar nesse depoimento de uma

² CÉZAR, Maria do Céu. As organizações Populares do Recife: Trajetória e Articulação Política, 1955-1964. In: Cadernos de Estudos Sociais, Recife, Fundação Joaquim Nabuco - Instituto de Pesquisas Sociais, 1985, Vol. 1, pp, 161-182.

³ A Frente do Recife foi uma aliança política fundada em 1955 sobre um programa de linha nacionalista e constituída por comunistas, socialistas e correntes independentes.

⁴ FREIRE, Eliane Oliveira de Lima. *Mouvements de quartier et relations de pouvoir: le cas de Casa Amarela – (Recife – Brésil) – 1964-1985*. Paris, Tese de doutorado, Université de Paris 1 Panthéon – Sorbonne, 2002.

liderança comunitária (ETAPAS, 1988)⁵: *"A Associação de Moradores foi fundada em 1961. Era uma Associação como hoje ela é, atuante, combativa, e em 64 ela foi fechada arbitrariamente pelo golpe militar. Ela foi metralhada, os seus componentes foram perseguidos, dois ou três desapareceram e até hoje ninguém sabe onde esse pessoal anda"*.

Para as associações sobreviventes ao episódio, foi criado e divulgado pelos militares o estereótipo de que estas associações eram "redutos de comunistas". Dessa forma, conseguiram amedrontar e aterrorizar as comunidades que insistiam em manter essas organizações. Sobreviveram somente as associações de bairros que concordavam e apoiavam o regime. Estas associações eram toleradas e tinham suas reivindicações atendidas. Em Casa Amarela, dentro dessa linha, pode-se citar o exemplo da Sociedade de Amigos de Casa Amarela - SACA, que através dos jornais Diário de Pernambuco e Jornal do Comercio, declarou publicamente seu apoio ao regime.

Após o golpe militar, as populações pobres periféricas, além de ficarem desprovidas dos seus meios de protestos e esquecidas pelos poderes públicos, foram violentamente perseguidas. Um dos maiores líderes comunitários de Casa Amarela, que nasceu e morreu nesse bairro, chamado Arnaldo Rodrigues da Cruz, é taxativo quando se refere ao Golpe de Estado de 64 *"(...)na época de sessenta e quatro muita gente foi pro pau(...)"*⁶. Outro líder chamado Nelson Barbosa endossa essa afirmação *"(...) a policia invadiu casas por esses Altos de Casa Amarela, pessoas foram espancadas(...)"*⁷.

Esse processo de intensa participação foi interrompido com o golpe de 1964, que reprimiu todas as formas de participação popular, interrompendo radicalmente o processo democrático que vinha se desenvolvendo no país, aniquilando todos os canais de

⁵ Entrevista concedida pelo Senhor Eufrânio, em 06/06/1986. Citado por SILVA et alli. Movimento de bairro: Repetição/Invenção, Recife, ETAPAS, 1988.

⁶ Entrevista concedida pelo Senhor Arnaldo Rodriguez da Cruz. Citado por: Casa Amarela: *Memórias, lutas e sonhos*. Recife, FEACA, 1988, p. 87.

⁷Entrevista concedida pelo Senhor Néilson Barbosa a Eliane Oliveira de Lima Freire. 1997.

comunicação entre a população periférica e os poderes públicos. O não atendimento das necessidades sociais elementares, associado ao impedimento do livre exercício dos direitos políticos, tornou mais precária a cidadania no Brasil.

O Movimento de Resistência dos Movimentos de Bairros de Casa Amarela em face da Ditadura Militar: o Apoio da Igreja Progressista, Lideranças Partidários e Serviço Social.

Com o estabelecimento do regime militar em 1964 o país penetrou em um período de sombras. As desigualdades sociais se tornaram cada vez maiores, numa sociedade em que a exclusão sócio-econômica e política impossibilitavam a formação de uma base de participação dos diversos setores sociais. Sem canais efetivos de participação, uma vez que eles foram fechados pelo regime militar, os efeitos econômicos, sociais e políticos do tipo de desenvolvimento econômico posto em prática no Brasil recaíram sobre a população pobre. As populações periféricas, desprovida dos seus canais de comunicação junto aos poderes públicos, não tinham seus interesses de melhorias de vida levados em conta.

Neste sentido, sem os canais tradicionais de participação, a presença da Igreja Católica, através de seu segmento progressista vinculado à Teologia da Libertação, garantiu um espaço de organização aos novos movimentos sociais. No caso específico da cidade de Recife, a presença da Igreja foi fundamental, graças a nomeação de Dom Hélder Câmara para Arcebispo da Diocese de Olinda e Recife. Este Arcebispo apresentava-se neste contexto como um "simpatizante" das idéias do segmento progressista da Igreja vinculado à Teologia da Libertação. Para este Arcebispo, seus limites eram os princípios de obediência hierárquica da Igreja Católica. Fora isso, Dom Hélder Câmara, durante seu pontificado frente a Igreja de Olinda e Recife, dedicou-se a defender os oprimidos.

O empenho da Igreja Progressista de Recife, em defender os oprimidos em face da Ditadura militar, chamou a atenção de lideranças partidárias que não concordavam com o regime militar. Estas lideranças, desarticuladas de seus vínculos partidários pelo regime militar, encontraram na Igreja Católica Progressista a proteção necessária para organizar o movimento de resistência ao regime. Sob a proteção do Arcebispo, estas lideranças na clandestinidade, astuciosamente burlaram o sistema de vigilância do governo militar, apoiando a reorganização dos movimentos populares. Em Casa Amarela, a presença desses militantes foi importante na conquista da posse da terra, pois eles participaram ativamente do movimento "Terras de Ninguém".⁸

Em Recife, os fatores que deram razão a reorganização do movimento de bairro, foram as inundações de 1965 e 1966. Estas inundações atingiram, sobretudo as populações pobres da periferia. As populações de flagelados desprovidas dos seus canais habituais de comunicação com os poderes públicos encontraram a proteção e apoio técnico da Igreja Católica progressista para legitimar a reorganização dos movimentos populares. Para ajudar a população de flagelados, Dom Hélder Câmara liderou a Campanha "Operação Esperança", para atuar no combate a pobreza. Nesta ação teve o apoio da Faculdade de Serviço Social de Pernambuco, que apoiava, criando campos de estágios nas periféricas para suas alunas integrando-as nos projetos de Dom Hélder Câmara. Isso permitiu a aproximação das pessoas assim como sua reorganização.

Em Casa Amarela, o trabalho desenvolvido pelo padre Reginaldo Veloso foi capital. Foi este padre que organizou as "Comunidades Eclesiais de Base - CEB's" no bairro. Foram os integrantes das CEB's, formada pelos próprios moradores que articularam a organização dos movimentos de bairros de Casa Amarela. O novo movimento de bairro estrategicamente sofreu adaptações. Para não serem confundidos

⁸Terras de Ninguém foi um movimento de luta pela posse de terrenos empreendido pelos moradores de Casa Amarela sujeitos ao pagamento do foro. A incerteza destes moradores da legitimidade da propriedade da terra daqueles que se apresentavam como proprietários, levou-os, a entrar com um processo na justiça para reclamar a posse das terras.

com os movimentos anteriores "das associações de moradores", foi criado os conselhos de moradores.

Com o apoio da população o movimento das CEB's progrediu bastante, contribuindo assim para estimular a formação de um movimento que lutasse diante dos poderes públicos pelos interesses da população e, ao mesmo tempo, não fosse contra o poder do Estado - os conselhos de moradores. Nos anos de 1970, os Conselhos de Moradores de Casa Amarela empreenderam importantes lutas de resistência, organizando diversas manifestações, reivindicando qualidade de vida e protestando contra as políticas públicas do governo local. Dessa forma, conseguiram mudar projetos de urbanização e boicotar as estratégias dos poderes públicos de controlar os movimentos.

Conclusão

É impensável a história social do movimento de resistência dos moradores de Casa Amarela sem a participação dos católicos progressistas e a colaboração das lideranças partidárias que não concordavam com o regime e do curso de serviço social. Com este apoio, a população desse bairro, foi capaz de organiza-se e, através de formas "alternativas" de protestos e reivindicações, lutar por melhores condições de vida; alterando sutilmente, as mais duras formas de censura e repressão impostas pela ditadura. Neste sentido, o apoio da Igreja Católica foi capital sobre três planos: simbólico, político e material. No plano simbólico ela legitimou e deu razão aos movimentos; sobre o plano político ela protegeu e sobre o plano material ela forneceu as condições técnicas, tais como pessoal tecnicamente preparado para trabalhar junto às comunidades.